

O ALFABETISMO JUVENIL: INSERÇÃO EDUCACIONAL, CULTURAL E PROFISSIONAL

APRESENTAÇÃO

Em mais uma iniciativa do Instituto Paulo Montenegro e da Ação Educativa, com o apoio técnico, financeiro e operacional do Grupo IBOPE, reúnem-se nesta publicação os principais resultados de estudo inédito sobre as habilidades de leitura, escrita e matemática (alfabetismo) de jovens de 15 a 24 anos, residentes nas nove principais regiões metropolitanas do país.

O estudo utilizou a mesma metodologia do Inaf Brasil e foi baseado em entrevistas e testes cognitivos aplicados a uma amostra de 1.008 jovens, nas regiões metropolitanas de Salvador, Fortaleza, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, no segundo semestre de 2009.

Pela primeira vez, portanto, pode-se analisar em detalhe as habilidades de leitura, escrita e matemática dos jovens metropolitanos do país, associando-as a suas oportunidades de inserção educacional, cultural e profissional.

Ao converter-se em referência sobre o Alfabetismo Funcional, o Inaf quer estimular propostas da sociedade civil e políticas públicas que promovam a inclusão de todos os brasileiros à sociedade do conhecimento, da informação e da comunicação. Desta vez, coloca uma lupa sobre a população juvenil, suas experiências e expectativas educacionais e culturais, nesta fase de eminente ou recente entrada no mundo do trabalho.

INAF BRASIL

Realizado desde 2001, o Inaf Brasil é aplicado a uma amostra nacional de 2.000 pessoas representativa dos brasileiros entre 15 e 64 anos de idade, residentes em zonas urbanas e rurais em todas as regiões do país. Mede as habilidades de leitura, escrita e matemática dessa população, associadas a informações sobre suas experiências educacionais, culturais e profissionais.

O PERFIL DO JOVEM METROPOLITANO

Os jovens pesquisados são 50% mulheres e 50% homens. Do total, 41% se declaram pardos, 33% brancos, 22% negros e 3% amarelos ou indígenas.

A maioria (88%) deles cursa ou cursou até o ensino médio (63% não concluíram e 26% cursam ou concluíram o 3º ano). Em relação à renda familiar, 28% possuem entre 1 e 2

salários mínimos e 27% entre 2 e 5.

Do total de entrevistados, 52% disseram que ainda estão estudando. Daqueles que não estudam, 81% afirmam que pretendem voltar a estudar, sendo que a maioria no ano seguinte ao da entrevista. A maior parte (34%) parou de estudar por ter concluído o nível ou curso que pretendia e outra parcela grande (23%) porque precisou trabalhar para ajudar no orçamento doméstico. Há ainda 10% que pararam de estudar porque não tinham interesse pelo conteúdo escolar e não achavam útil aquilo que era ensinado.

Daqueles que estavam estudando na época da pesquisa, 50% consideravam boa a qualidade de ensino na escola ou faculdade onde estudavam.

Essa geração, diferente das anteriores, teve uma maioria de pessoas que frequentou a pré-escola (78%), sendo que 58% dos jovens em escolas públicas. Até o ensino médio, há o predomínio da realização dos estudos em escolas públicas (88%, em média), o que se inverte quando falamos do ensino superior (aproximadamente 30% em faculdades ou universidades públicas) - o que não é novidade.

No que diz respeito à situação de trabalho quando a pesquisa foi realizada, 47% estavam trabalhando: 40% destes como trabalhadores da área de manutenção e reparação e 30% na área de serviços ou como vendedores do comércio em lojas. Quanto à categoria de trabalho, 34% trabalham em empresa privada com carteira assinada, 28% por conta própria/autônomo e 25% em empresa privada sem carteira assinada.

Como grande parte da população, a maioria dos jovens (68%) se informa sobre assuntos da atualidade por meio da televisão. Dentre os hábitos de lazer, 43% costumam ir ao cinema pelo menos 2 a 3 vezes por ano (18% vão uma ou mais vezes por mês); 90% ouvem música em CD ou DVD uma ou mais vezes por semana.

Daqueles que utilizam o computador, 60% o fazem em sua casa, 55% em lan houses e 41% em casa de amigos ou parentes. Esses jovens declaram não ter muita dificuldade em realizar determinadas tarefas no computador (jogar, escrever relatórios e outros tipos de textos, escrever trabalhos escolares, enviar e receber e-mail, entre outras).

Dos jovens entrevistados, 61% declaram ler jornal, sendo que destes, 42% leem algumas vezes por semana e 24% todos os dias. Além disso, 64% dos jovens leem revista e, 26% dos jovens leem algumas vezes por semana e 23% raramente ou de vez em quando.

60% DOS JOVENS METROPOLITANOS NÃO ATINGEM O NÍVEL PLENO DE ALFABETISMO

Os dados mostram que, mesmo nas regiões metropolitanas, onde o acesso potencial a recursos educacionais e culturais é maior, e mesmo nessa faixa etária, que se beneficiou da recente expansão do sistema educacional nos níveis fundamental e médio, o domínio das habilidades de alfabetismo ainda é insuficiente, apesar de superior ao das gerações mais velhas.

ENTENDA OS NÍVEIS DE ALFABETISMO

O Inaf aplica testes com tarefas de leitura, escrita e matemática inseridos em impressos que circulam em contextos cotidianos – anúncios, instruções, notícias, por exemplo. Com base no desempenho no teste, os entrevistados são classificados de acordo com o nível de alfabetismo.

Analfabetismo

Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases, ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.).

Alfabetismo nível rudimentar

Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica.

Alfabetismo nível básico

As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.

Alfabetismo nível pleno

Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar elementos usuais da sociedade letrada: leem textos mais longos, relacionando suas partes, comparam e interpretam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada mapas e gráficos.

Se os jovens vivessem em boas condições de desenvolvimento cultural e tivessem acesso a escolas de boa qualidade, o esperado seria que todos os que completassem o ensino fundamental atingissem um nível pleno de alfabetismo, ou seja, fossem capazes de ler e analisar textos tabelas e gráficos presentes em manuais, jornais, etc., comparando e estabelecendo relações entre as informações, resolvendo problemas matemáticos que envolvem sequências de cálculos (como porcentagens, por exemplo).

Os dados do Inaf Jovens permitem dimensionar estas limitações ao constatar que **só 40% dos jovens metropolitanos brasileiros atingem o nível pleno de alfabetismo, enquanto 38% atingem apenas o nível básico e 19% não superam o nível rudimentar, como se vê na tabela abaixo.**

NÍVEIS DE ALFABETISMO JOVENS DE 15 A 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS	
Analfabeto	3%
Rudimentar	19%
Básico	38%
Pleno	40%
BASE	1.008

Fonte: Inaf Jovens 2009

O percentual dos que foram considerados analfabetos é menos significativo, tendo ficado em 3%. Foi também de 3% o índice daqueles que se auto-declararam analfabetos segundo os critérios do IBGE, ou seja, disseram “não serem capazes de ler ou escrever um bilhete simples”. Entre os demais, há um percentual relativamente grande de pessoas que reconhecem não ter um domínio adequado das habilidades de alfabetismo: 29% declaram sentir alguma dificuldade para ler, 31% alguma dificuldade para escrever e 54% alguma dificuldade para fazer contas. O domínio das operações numéricas é, como se observa, aquele em que os jovens reconhecem ter maior dificuldade. Para citar um exemplo um pouco mais complexo do que “fazer contas”, 70% dos jovens disseram ter dificuldades ou não serem capazes de calcular uma porcentagem, mesmo que usando uma calculadora, 48% afirmam ter dificuldade ou não conseguir entender gráficos e tabelas publicados em jornais e revistas.

Entre jovens do sexo feminino, o resultado é um pouco melhor, mas as variações estão dentro da margem de erro. Normalmente, pessoas do sexo feminino se saem melhor em tarefas de letramento enquanto as do sexo masculino se saem melhor nas de numeramento. Ao combinar esses dois domínios de habilidades, o Inaf mostra índices de alfabetismo mais equilibrados.

NÍVEIS DE ALFABETISMO POR GÊNERO JOVENS DE 15 A 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL		
	FEMININO	MASCULINO
Analfabeto	2%	4%
Rudimentar	19%	19%
Básico	38%	39%
Pleno	41%	38%
BASE	507	501

Fonte: Inaf Jovens 2009

OS EFEITOS DE UMA ESCOLARIDADE INSUFICIENTE

Grande parte desses resultados se deve, certamente, à insuficiente escolaridade atingida por essa população. A idade esperada para completar o ensino médio, para aqueles que iniciaram o ensino fundamental na idade correta, não sofreram reprovações e não interromperam os estudos é 17 anos. Nessa faixa etária, o esperado é que todos já tivessem completado o ensino fundamental, entretanto, cerca de ¼ dos jovens pesquisados nas regiões metropolitanas não têm esse nível de ensino (chegaram no máximo à 7ª série). Outros 38% têm o ensino fundamental completo, mas não completaram o ensino médio, que, desde 2009, deve obrigatoriamente ter o acesso assegurado pelas redes públicas a todos os alunos que estiverem interessados em cursá-lo e que, a partir de 2016, assumirá o caráter de escolaridade mínima obrigatória.

Na tabela abaixo, é possível observar que mesmo entre os jovens que teriam, com folga, idade para ter completado o ensino básico, uma grande parcela ainda não o fez:

NÍVEIS DE ALFABETISMO POR FAIXA ETÁRIA JOVENS DE 15 A 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL		
	15 a 19 anos	20 a 24 anos
Fundamental incompleto	29%	20%
Fundamental completo e Médio incompleto	56%	21%
Médio completo ou mais	14%	59%
BASE	492	516

Fonte: Inaf Jovens 2009

Do total de jovens com 18 anos ou mais apenas 17% conseguiram chegar ao ensino superior e 6% dos que têm mais de 22 anos concluíram esse nível de ensino.

Além das reprovações e do abandono escolar, os resultados do Inaf Jovens indicam que os níveis de habilidade de alfabetismo atingidos em cada nível de ensino ficam abaixo do esperado. Isso evidencia que os jovens não vêm tendo experiências escolares ricas e desafiadoras, que façam avançar suas habilidades de Letramento e Numeramento.

Como previsível, a maioria dos jovens que não têm sequer o ensino fundamental completo são analfabetos ou estão no nível rudimentar de alfabetismo (10% e 41% respectivamente). Entre os que completaram o ensino fundamental e não completaram o médio, apenas 36% atingem o nível pleno, que seria esperado para 100% dos que completam os 9 anos de escolaridade. Somente entre os jovens que têm ensino médio completo ou mais é que temos uma maioria de pessoas no nível pleno (63%).

NÍVEIS DE ALFABETISMO POR GRAUS DE ESCOLARIDADE			
JOVENS DE 15 A 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL			
	Fundamental Incompleto	Fundamental comp. e médio incompleto	Ensino Médio completo ou mais
Analfabeto	10%	1%	1%
Rudimentar	41%	19%	5%
Básico	38%	45%	32%
Pleno	10%	36%	63%
BASE	245	387	376

Fonte: Inaf Jovens 2009

Quase a metade (52%) dos jovens consultados estavam estudando à época da pesquisa, proporção esta equivalente entre os que se declaram brancos, pretos /negros ou pardos. Já os níveis de alfabetismo variam significativamente entre estes três grupos, como indicado na tabela abaixo.

Temos aí uma evidência de que o sistema escolar está produzindo, dentro dele, as desigualdades, o que pode se dar tanto porque pessoas negras estudam em escolas piores quanto pelo fato de que não têm as mesmas oportunidades que os demais de aproveitar a escola a que têm acesso.

NÍVEIS DE ALFABETISMO POR COR DA PELE / RAÇA				
JOVENS DE 15 A 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL				
	Branca	Parda	Preta ou Negra	Amarela / Indígena
Analfabeto	1%	4%	3%	9%
Rudimentar	16%	20%	23%	9%
Básico	36%	39%	41%	49%
Pleno	48%	37%	33%	34%
BASE	332	415	226	35

Fonte: Inaf Jovens 2009

Tomando como indicador o acesso à rede pública de ensino na educação básica e no ensino superior, observamos uma pequena desvantagem do grupo que se identifica como da raça “preta ou negra”, entre os quais 94% cursam ou cursaram o ensino médio predominantemente em instituições públicas, contra 85% dos declarados brancos e 86% dos declarados pardos. Já no ensino superior, o acesso à rede pública beneficia mais aos brancos (25%), depois aos pardos (23%) e depois aos pretos/negros (21%).

GRANDES EXPECTATIVAS DE RETORNO AO SISTEMA DE ENSINO

A boa notícia trazida pelo Inaf Jovens é que a grande maioria dos jovens que vivem nas regiões metropolitanas brasileiras e que interromperam seus estudos pretende voltar a estudar.

INTENÇÃO DE VOLTAR A ESTUDAR			
JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL QUE NÃO ESTUDAVAM NO MOMENTO DA PESQUISA			
Pretende voltar a estudar?	Escolaridade		
	Fundamental incompleto	Fund. compl. e Médio Incompleto	Médio completo ou mais
Sim	73%	83%	84%
Não	27%	17%	16%
BASE	128	105	254

Fonte: Inaf Jovens 2009

E os jovens têm pressa: quase 80% deles gostariam de poder voltar a estudar no próximo ano!

Para mais da metade (56%) dos que não completaram o ensino fundamental, a Educação de Jovens e Adultos é o objetivo, enquanto 29% preferem ainda a

modalidade regular de ensino. As mesmas proporções são observadas dentre os que gostariam de completar o ensino médio (51% pretendem buscar a EJA – Educação de Jovens e Adultos e 30% a modalidade regular).

Este é mais um desafio que se antepõe aos sistemas educacionais e à sociedade brasileira como um todo: assegurar a estes jovens brasileiros as oportunidades de acesso a uma educação de qualidade e as condições para, através dela, desenvolverem-se como indivíduos aptos a exercer com autonomia seus direitos e responsabilidades em uma sociedade que exige o domínio do Letramento e do Numeramento.

O ACESSO À EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A preocupação com a própria formação parece estar presente na maioria dos jovens que buscam fora do sistema da educação formal oportunidades de capacitação, principalmente relacionadas ao mercado de trabalho. Quase 70% dos jovens pesquisados já fizeram algum tipo de curso. Os mais buscados são na área da informática (54%), seguido por outros cursos de capacitação profissional (25%), idiomas (18%), preparatórios para exames de vestibular (11%). A tabela abaixo mostra que aqueles com mais escolaridade e melhores níveis de alfabetismo também têm mais acesso à educação não formal.

PARTICIPAÇÃO EM CURSOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL						
Cursos	Escolaridade			Nível de Alfabetismo		
	Fund. Incompleto	Fund. comp. e Médio Incompleto	Médio completo ou mais	Analfabeto / Rudimentar	Básico	Pleno
Informática	26%	53%	72%	14%	52%	67%
Profissionalizante	13%	22%	36%	5%	22%	34%
Idiomas	4%	15%	29%	5%	14%	28%
Treinamento na empresa	2%	4%	21%	3%	6%	17%
Preparatório para vestibular	1%	4%	24%	3%	7%	19%
Preparatório para concurso	2%	3%	10%	5%	6%	5%
Artes	5%	7%	13%	1%	9%	11%
Cultura	1%	2%	5%	4%	3%	4%
Religião	5%	7%	12%	3%	7%	13%
Outros	2%	4%	5%	57%	4%	4%

Nenhum	58%	31%	15%	14%	32%	18%
BASE	294	594	905	276	637	880

Fonte: Inaf Jovens 2009

Quando investigamos as expectativas desses mesmos jovens com relação aos cursos que poderiam realizar, constatamos que o interesse maior pelos cursos de informática está entre os jovens que não conseguiram ainda concluir o ensino fundamental. Já a capacitação profissional é foco maior dos que já têm o fundamental, mas ainda não completaram o médio.

PARTICIPAÇÃO EM CURSOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL						
Cursos	Escolaridade			Nível de Alfabetismo		
	Fund. Incompleto	Fund. comp. e Médio Incompleto	Médio completo ou mais	Analfabeto / Rudimentar	Básico	Pleno
Informática	46%	40%	22%	37%	41%	27%
Profissionalizante	31%	37%	32%	24%	37%	35%
Idiomas	20%	33%	36%	19%	29%	39%
Treinamento na empresa	5%	10%	9%	5%	10%	9%
Preparatório para vestibular	10%	30%	20%	10%	24%	25%
Preparatório para concurso público	11%	22%	29%	7%	22%	30%
Artes	7%	7%	7%	4%	8%	9%
Cultura	4%	3%	4%	2%	5%	4%
Religião	4%	2%	3%	3%	2%	4%
Outros	2%	6%	6%	4%	5%	5%
Nenhum	26%	16%	16%	32%	17%	13%
BASE	294	594	905	322	771	808

Fonte: Inaf Jovens 2009

O IMPACTO DO ALFABETISMO NO MUNDO DO TRABALHO

Os dados deste estudo mostram que 47% dos jovens entre 15 e 24 anos que vivem nas regiões metropolitanas brasileiras estão trabalhando e 32% está desempregado ou procurando o primeiro emprego.

Quando analisada por níveis de alfabetismo, vê-se que a taxa de emprego é mais alta nos dois grupos extremos: 59% dos analfabetos trabalham, evidentemente em posições menos qualificadas; dentre aqueles com nível pleno de alfabetismo, 50% está trabalhando. Nos grupos intermediários as taxas são mais baixas: 42% entre os que têm nível rudimentar de alfabetismo e 46% para os alfabetizados em nível básico.

SITUAÇÃO DE TRABALHO JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL					
	Anal- fabeto	Rudi- mentar	Básico	Pleno	Total
Trabalha	59%	42%	46%	50%	47%
Desempregado + busca 1º emprego	24%	34%	32%	30%	32%
Aposentado + vive de renda + dona de casa	17%	24%	22%	20%	21%
BASE:	29	190	388	401	1.008

Fonte: Inaf Jovens 2009

Quando analisamos especificamente as condições de trabalho na qual se encontram os jovens, dentre aqueles que estão trabalhando encontram-se as maiores taxas de analfabetos (4%) e, ao mesmo tempo, de alfabetizados em nível pleno (42%).

Funções de manutenção e reparos são as que ocupam a maioria dos jovens das regiões metropolitanas do país (28%), principalmente os de nível de alfabetismo mais baixo: 43% dos analfabetos funcionais estão neste setor, seguido pelas funções do ramo de serviços, a que se dedicam 21% dos jovens, já com perfil mais qualificado.

FUNÇÕES DESEMPENHADAS POR JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL			
	Analfabeto / Rudimentar	Básico	Pleno
Ciências e Artes	0%	2%	4%
Técnicos de nível médio	2%	4%	13%
Serviços administrativos	3%	3%	8%
Serviços, Comércio em lojas	13%	23%	24%
Produção de bens e serviços industriais	6%	6%	5%
Manutenção e reparação	43%	30%	17%
BASE	219	388	401

Fonte: Inaf Jovens 2009

Quanto aos setores econômicos, os serviços de Transporte e Comunicação é o que concentra a maior proporção de jovens com nível pleno de alfabetismo, seguido por Saúde e Educação bem como Serviços nas áreas de Hotelaria, Turismo, Alimentação e Financeiro. Os jovens com nível básico de alfabetismo atuam prioritariamente no Comércio enquanto que os setores de Agricultura, Construção e Serviços Domésticos são a principal alternativa para os jovens analfabetos funcionais..

SETORES ECONOMICOS NOS QUAIS ATUAM OS JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL			
	Analfabeto / Rudimentar	Básico	Pleno
Comércio	26%	38%	32%
Transporte/ Comunicação e outros serviços	22%	22%	19%
Agricultura, Construção e Serviços domésticos	30%	15%	8%
Alojamento e alimentação / Atividades administrativas e financeiras	7%	6%	11%
Indústria	7%	9%	9%
Saúde e Educação	3%	4%	11%
Outros	5%	6%	10%
Total	100%	100%	100%
BASE	151	270	286

Fonte: Inaf Jovens 2009

Quanto à formalidade no mundo do trabalho, fica evidente a maior precarização para os menores níveis de alfabetismo: enquanto 52% dos jovens metropolitanos com nível

pleno trabalham com contratos formais, apenas 24% dos analfabetos funcionais têm a mesma condição contratual.

RELAÇÃO DE TRABALHO DOS JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL QUE TRABALHAM			
	Analfabeto / Rudimentar	Básico	Pleno
Com contrato / carteira assinada	25%	37%	52%
Sem contrato / carteira assinada	35%	33%	26%
Conta própria e outros	40%	30%	23%
Total	100%	100%	100%
BASE	151	270	286

Fonte: Inaf Jovens 2009

Quanto à renda, 43% dos jovens metropolitanos do país não têm rendimentos próprios e 22% tem rendimentos de até 1 salário mínimo. O nível de renda individual aumenta à medida que aumenta o nível de alfabetismo.

RENDA PESSOAL DOS JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL QUE TRABALHAM			
	Analfabeto / Rudimentar	Básico	Pleno
Não tem rendimento	48%	45%	39%
Até 1 salário mínimo	32%	21%	16%
De 1 a 2 salários mínimos	11%	20%	19%
De 2 a 5 salários mínimos	7%	10%	17%
Mais de 5 salários mínimos	0%	2%	6%
Total	100%	100%	100%
RENDA	219	388	401

Fonte: Inaf Jovens 2009

Os dados desta edição especial do Inaf Jovens mostram as relações entre as condições de alfabetismo de uma população que determinará, para as próximas décadas, a qualidade da força de trabalho do país e desempenhará um papel predominante enquanto cidadãos, chefes de família, consumidores, eleitores e produtores de cultura. Iniciativas que visem ampliar o potencial de inserção de uma parcela significativa destes jovens no mercado de trabalho de forma mais qualificada são essenciais para o crescimento econômico e social do país.

DESIGUALDADES REGIONAIS

Por fim, o estudo mostra os níveis de alfabetismo entre os jovens metropolitanos por diferentes regiões do país, indicando uma posição mais favorável na região Sul.

ALFABETISMO FUNCIONAL POR REGIÕES DO BRASIL JOVENS ENTRE 15 E 24 ANOS RESIDENTES NAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL QUE TRABALHAM				
	Salvador / Recife / Fortaleza / Brasília	Belo Horizonte / São Paulo / Rio de Janeiro	Curitiba / Porto Alegre	Total Regiões Metro- politanas
Analfabeto	4%	3%	1%	3%
Rudimentar	20%	20%	13%	19%
Básico	38%	40%	33%	38%
Pleno	38%	38%	52%	40%
Analfabetos Funcionais	24%	22%	14%	22%
Funcionalmente Alfabetizados	76%	78%	86%	78%
BASE	252	630	126	1.008

Fonte: Inaf Jovens 2009

CONCLUSÕES

Esta nova análise ressalta o grande desafio à sociedade brasileira de assegurar as oportunidades de acesso a uma educação com mais qualidade e significado para os jovens, que ofereça condições efetivas para, através dela, desenvolverem-se como indivíduos aptos a exercerem com autonomia seus direitos e responsabilidades.

A democratização do acesso ao ensino superior é uma política necessária, que pode representar novas alternativas para os jovens, que têm tido dificuldades de se inserir no mercado de trabalho em postos de trabalho qualificados. Mas o panorama geral indica que é necessário democratizar o conhecimento e o acesso efetivo a outras estratégias de inserção no mundo do trabalho, em especial o ensino médio técnico.

É certo que, seja qual for o caminho, no nível médio técnico ou superior, para se profissionalizar os jovens precisarão mobilizar habilidades de leitura e escrita que a escola básica não está conseguindo garantir. Esse tem que ser um investimento prioritário dos governos, mas certamente os jovens estarão mais dispostos a investir suas energias no estudo se, além de uma escola básica de qualidade, puderem vislumbrar perspectivas mais promissoras de se tornarem profissionais de nível médio ou superior.

O avanço dos níveis de alfabetismo deste segmento contribuirá para que o Brasil tenha, nas próximas décadas, a liderança de uma geração mais consciente de cidadãos,

chefes de família, consumidores, eleitores, produtores de cultura e determinará a qualidade da força de trabalho de um país que pretende, crescentemente, ter um papel relevante no cenário mundial.

Nota técnica

Para o Inaf Jovens 2009 foram entrevistados, entre os dias 18 de julho e 1º de agosto de 2009, 1.008 jovens entre 15 e 24 anos residentes nas nove regiões metropolitanas brasileiras de Salvador, Fortaleza, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Brasília.

Nos levantamentos do Inaf Brasil, o intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, sobre os resultados encontrados no total da amostra. A definição de amostras, a coleta de dados e seu processamento são feitos por especialistas do IBOPE que, com o mesmo rigor com que realizam seus demais trabalhos, oferecem esses serviços em apoio à ação social realizada pelo Instituto Paulo Montenegro.

Organizadores

O **Instituto Paulo Montenegro** é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve e dissemina práticas educacionais inovadoras que contribuam para a melhoria da qualidade da educação, um dos fatores que mais influenciam na diminuição das desigualdades sociais, na melhoria das condições de vida da população, assim como na inserção do país em um mercado cada vez mais competitivo e globalizado.

Com a criação, no ano 2000, do Instituto Paulo Montenegro, o Grupo IBOPE confirma sua posição como uma empresa socialmente responsável, trabalhando com programas educacionais baseados nos conhecimentos em pesquisas da empresa, produto de mais de 65 anos de experiência no Brasil.

A **Ação Educativa** é uma organização não governamental fundada em 1994, com a missão de promover os direitos educativos e da juventude, tendo em vista a justiça social, a democracia participativa e o desenvolvimento sustentável no Brasil. A capacidade de realização da Ação Educativa resulta do alto empenho de sua equipe e da confiança e colaboração de uma ampla rede de parceiros nacionais e internacionais.

Agradecimentos

Professora Maria da Conceição dos Reis Fonseca – Universidade Federal de Minas Gerais

Professor Tufi Machado Soares – CAED/Universidade de Juiz de Fora

Hélio Gastaldi e equipe de Estatística e Processamento de Dados – IBOPE Inteligência

Affonso Barrella e equipe de campo – IBOPE Mídia